
FLORISVALDO MATTOS

UMA POESIA QUE TRANSCENDE O TEMPO

por *Cid Seixas*

Meu primeiro alumbramento com a poesia de Florisvaldo Mattos se deu cerca de dez anos depois da publicação do surpreendente *Reverdor*. Surpreendente porque, ao ter contato com o livro de poesia de Florisvaldo Mattos, tomei conhecimento de outros livros publicados na Bahia dos anos sessenta.

Descobri também a geração de Godofredo e Carvalho Filho, pioneiros da modernidade na Bahia, ao tempo em que fui

tomado pelo espanto diante das obras de dois novos poetas revelados em livro nos meados dos anos sessenta; os excelentes Florisvaldo Mattos e José Carlos Capinan. Secundarista do Colégio da Bahia, chegando do interior, passei a estagiar em jornais e emissoras de rádio para ter meu próprio dinheirinho de estudante.

Foi através das obrigações da redação dos Diários Associados, como repórter de setor, encarregado de cobrir a área cultural, que conheci, mais de perto, o nome de Florisvaldo Mattos, então diretor da sucursal do *Jornal do Brasil*, e o nome de Capinan, poeta do tropicalismo. Mas em seguida veio o entusiasmo ao reconhecer que estes dois intelectuais, já então respeitados, eram autores de dois livros que seriam marcantes para a minha geração, *Reverdor*, de Florisvaldo, e *Inquisitorial*, de Capinan.

Vivendo os anos de engajamento da juventude estudantil, tomei o livro de Capinan como cartilha, soletrada como forma de oposição ao regime ditatorial vi-



gente; e, confuso aprendiz dos segredos da palavra, fiquei ser saber como incluir a poesia de Florisvaldo Mattos no espaço do modernismo. Ainda identificando a modernidade com o poema sem eira nem beira, sem sela e sem cabresto, sem rima e sem medida, não sabia como compreender a rigorosa “escritura em pedra” deste poeta moderno e de feição clássica.

Pensava então que a poética instaurada pela geração de 45 era um retrocesso. Pensava também que o parnasianismo já era, que Olavo Bilac era uma besta e que nós estávamos com a verdade, única, porque nossa. Como então compreender o fascínio, ambíguo, incômodo, porque me espantava, diante do “galope amarelo” ou da “maquina de alvura sonora”, que aquela poesia que não me parecia, caracteristicamente, modernista provocava em mim?

Arrastado pela força e pelo mistério da palavra poética, passei a contemplar, com um respeito, quase religioso, que as coisas desconhecidas ou não compreendidas nos provocam, aquela “sonora arquitetura”. E graças ao espanto inaugural que a poesia impõe, pude principiar a compreender coisas que não compreendia.

Assim, em lugar de falar da obra de Florisvaldo Mattos como alguém que se dedica à crítica literária, abduco ao trono analítico – no qual muitos se sentam, ostentando o higiênico papel de críticos, – para falar de surpresas e de incertezas que

são a pedra de toque da mais contrita leitura do texto literário.

Assim, que me seja permitido falar de lembranças; lembranças da descoberta sempre renovada dessa poesia que hoje nos traz a esta sala.

Foi mais ou menos naqueles passados dias dos anos setenta que conheci o movimento Armorial de Pernambuco, liderado por Ariano Suassuna, resultante da fusão de uma escrita, de uma pintura e de uma música embebidas em raízes da terra, mas ao mesmo tempo universalizadas pelo rigor clássico e erudito.

No esforço de compreender a poesia de Florisvaldo, através do confronto com a fusão do telúrico com o erudito, proposta por Suassuna, publiquei na página 4 do jornal *A Tarde*, de 24 de março de 75, um artigo intitulado “O armorial dos três poetas”. Era uma forma de explicar como uma poesia recorrente às frondosas matas do cacau e às pedras da terra gasta, não a terra desolada de Eliot, mas a terra ressequida dos nossos sertões; era uma forma de ex-

plicar a fusão desses elementos, tão nosos e tão palpáveis, com o rigor de uma escrita que não prescinde da experiência acumulada, ou do aprendizado clássico.

Aqui, agora, ousa arriscar uma outra comparação da poesia de Florisvaldo Mattos com a obra esplendorosa de Sosígenes Costa. Não seria por acaso a admiração manifesta do poeta grapiúna de hoje pelo poeta grapiúna de ontem um indício de identidade?

Curiosamente, apesar do poema *Iararana* ser, em muitos aspectos, comparável ao *Cobra Norato*, que colocou Raul Bopp como figura importante do modernismo, Sosígenes entra na História da Literatura Brasileira apenas como um poeta simbolista. Sua importância como modernista é triunfalmente desconhecida pelos olhos eruditos do centro-sul. Aqueles olhos cujas mãos que escreveram a história.

A aproximação dos torneios verbais da escrita de Florisvaldo Mattos com a de Sosígenes ou de outros poetas simbolistas e parnasianos é uma tentação ao leitor.

Anos atrás, relacionava-se sua domaço de pedras com a arquitetura poemática de João Cabral de Melo Neto e de outras vozes pós 45. Mas se evitava uma aproximação com o parnasianismo, movimento que foi injustamente massacrado pelos pontas-de-lança de 22, como forma de afirmação do novo através da desqualificação do velho.

Assim, aproximar um poeta brasileiro moderno dos poetas parnasianos parecia pura provocação. O mesmo não ocorreu, por exemplo, em Portugal. Fernando Pessoa, considerado por Roman Jakobson



Glauber Rocha e Florisvaldo Mattos

como síntese da modernidade presente nos grandes artistas europeus do século XX, sustenta o seu salto em direção ao futuro no declarado diálogo com o passado e com os fantasmas que assombram os velhos sobrados da memória.

Foi esta capacidade de Pessoa de transitar entre tradição e ruptura que levou o crítico lusitano Arnaldo Saraiva, nos dois volumes do livro *O modernismo português e o modernismo brasileiro*, a buscar em Olavo Bilac raízes do elaborado engenho formal de Fernando Pessoa. Convém lembrar que, na sua época, Bilac foi o poeta brasileiro de maior audiência em Portugal, o que justifica a possível influência.

E nada disso desqualificou a poesia de Pessoa; mesmo perante os inseguros vanguardistas brasileiros. O seu valor é intrínseco. Assim também ocorre com todo poeta.

Por que, então, não considerarmos o entrelugar do verso de Florisvaldo Mattos? Porque situá-lo descarnado das leituras e

influências que se entremostam, que se velam e revelam na sintaxe do verso?

Florisvaldo Mattos não temeu escandir sua arte nos limites do soneto, mesmo quando os poetas que se queriam modernos, a qualquer custo, estigmatizavam as joias de quatorze pedras preciosas.

Desse modo, o metro fixo de dez pés emprestou seu ritmo inconfundível aos versos brancos do cantor das tropas “conduzindo cacau para Água Preta”.

Se no citado já artigo de 1975 procurávamos compreender a feérica arquitetura da “fábula civil sonhada”, vinte anos mais tarde, no artigo intitulado “Domação da palavra”, publicado na coluna *Leitura Crítica*, do jornal *A Tarde* (de 15 de abril de 1996), voltamos à poética de Florisvaldo Mattos, quando do lançamento de *A Caligrafia do Solução & Poesia Anterior*.

Nesse novo texto, lembramos que o primeiro livro individual do poeta trazia uma seleção rigorosa e circunscrita a um mesmo tema, o que podia ser entendido como evidência do completo domínio da poesia



pelo autor que ali fazia seu primeiro concerto solo. Nesse bem cuidado volume, com ilustrações de Calasans Neto, o autor dizia: “Os poemas deste livro – escritos de 1955 a 1963 – foram escolhidos pelo autor, para publicação, tendo em vista uma unidade temática de base agrária.”

Tal escolha fez com que Florisvaldo passasse a ser visto como um poeta do campo, não faltando as comparações com o Virgílio das *Georgicas* e com outros poetas universais. Mas a sua obra obedece a duas grandes vertentes; essa primeira, onde o elemento telúrico define a natureza do canto, e uma outra, cidadina ou cosmopolita, que amplia e desenvolve o alcance de uma voz do interior.

A natureza do canto deste poeta tem de fato a marca da grei: Água Preta, Uruçuca, Itabuna, enfim, as terras do sem fim da Nação Grapiúna.

Foi esse vínculo primeiro do poeta com a região, suas roças adubadas com o sangue dos homens de aluguel e os sonhos desfeitos, que deu à sua voz o selo de compromisso com o Homem. Num momento em que o engajamento partidário era o sedutor caminho encontrado por muitos escritores e artistas, o compromisso humanístico e – digamos – telúrico de Florisvaldo Mattos traçou a arquitetura fulgurante da sua escrita, em torno da qual aqui estamos reunidos.

REFERÊNCIAS

MATTOS, Florisvaldo. *Reverdor*; poesia. Xilogravuras de Calasans Neto. Salvador, Macunaíma, 1965.

MATTOS, Florisvaldo. *A caligrafia do soluço & poesia anterior*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado / Copene, 1996, 180 p.

SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o modernismo português; subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Volume I. Porto, s. ed., 1986, 336 p.

SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o modernismo português; subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Volume II: *Documentos dispersos*. Porto, s. ed., 1986, 336 p.

SEIXAS, Cid. Florisvaldo Mattos: uma poesia que transcede o tempo. *Pegi de inventos*, vol. 5 de *A Literatura na Bahia*, E-Book.Br, 2018, p. 44-53. <<http://linguagens.ufba.br/pdf/peji.pdf>> Texto lido durante o evento “Encontros Literários”, realizado na Academia de Letras da Bahia, no dia 16 de abril de 2010.